

doi 10.46943/X.CONEDU.2024.GT18.012

PERCEPÇÕES DE PEDAGOGAS EM FORMAÇÃO SOBRE A INCLUSÃO DA EDUCAÇÃO EMOCIONAL NO CURRÍCULO ESCOLAR

Thayná Souto Batista ¹
Tatiana Cristina Vasconcelos ²
Irinaldo Caetano Marques ³

RESUMO

Programas de educação emocional são essenciais para o desenvolvimento integral de crianças e adolescentes na educação básica. As escolas exercem um papel ativo no desenvolvimento emocional de crianças e jovens, influenciado pelo meio. A educação emocional (EE) já é praticada em alguns países, como Estados Unidos, Cingapura e Reino Unido, sendo nomeada como A Ciência do Eu ou Alfabetização Emocional. No Brasil, escolas a integram por meio de programas de resolução criativa de conflitos e competência social. Nesse contexto, o presente estudo objetivou analisar as percepções sobre a inclusão da educação emocional no currículo escolar entre professores em formação do curso de pedagogia. A metodologia adotou uma abordagem qualitativa com entrevistas semiestruturadas, realizadas com 30 professoras em formação em uma instituição de Ensino Superior no Brasil. As entrevistas abordaram a compreensão sobre educação emocional, experiências pessoais e profissionais, importância no currículo e desafios de implementação. As entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas por meio de Análise de Conteúdo (Bardin, 2011). Os resultados revelaram percepções positivas sobre a inclusão da educação

1 Mestranda do Curso de Formação de Professores da Universidade Estadual da Paraíba- UEPB, E-mail: thayna.souto.batista@aluno.uepb.edu.br;

2 Doutora em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro- UERJ, tatianavasconcelos@servidor.uepb.edu.br;

3 Mestrando do curso de mestrado profissional em Educação Inclusiva- PROFEI da Universidade Estadual da Paraíba- UEPB, irinaldo.m@aluno.uepb.edu.br.

emocional no currículo escolar. As participantes reconheceram a importância de desenvolver competências socioemocionais nos alunos, destacando benefícios como: redução de absenteísmo, bullying e promoção de um ambiente escolar mais saudável. As professoras ressaltaram a necessidade de maior preparo e formação específica, além de estratégias e materiais apropriados para cada faixa etária. A formação emocional contínua dos docentes foi considerada fundamental. Os desafios identificados incluíram falta de recursos, resistência da comunidade escolar e necessidade de maior apoio institucional e políticas de formação que valorem o afetivo tanto quando o cognitivo na escola. Esses resultados reforçam a importância de investir na formação emocional dos professores e na inclusão da educação emocional no currículo escolar, visando ao desenvolvimento integral dos alunos e à criação de um ambiente educacional mais positivo e acolhedor

Palavras-chave: Educação Emocional, Formação de Professores, Pedagogia, Desenvolvimento Integral

INTRODUÇÃO

A inclusão da educação emocional (EE) no currículo escolar emerge como uma necessidade cada vez mais evidente para o desenvolvimento integral de crianças e adolescentes. No cenário contemporâneo, marcado por desafios emocionais e sociais, a escola assume um papel ativo e essencial no apoio ao desenvolvimento emocional dos estudantes, atuando como um espaço de aprendizagem não apenas cognitiva, mas também afetiva. Esse contexto reforça a importância de programas de EE, que promovem o autoconhecimento, a gestão das emoções e a empatia, elementos essenciais para a construção de uma convivência saudável e harmoniosa no ambiente escolar.

Nos últimos anos, programas de educação emocional têm ganhado relevância em diferentes países, como Estados Unidos, Cingapura e Reino Unido, onde são denominados “A Ciência do Eu” ou “Alfabetização Emocional”. Esses programas têm se mostrado eficazes na promoção do bem-estar emocional e no desenvolvimento de competências socioemocionais. No Brasil, embora a prática ainda seja limitada, há escolas que já integram a educação emocional em suas propostas pedagógicas, especialmente através de programas voltados para a resolução criativa de conflitos e o desenvolvimento de habilidades sociais. Tais iniciativas indicam um movimento crescente em direção à inclusão da EE como um componente importante do currículo escolar.

Segundo Goleman (2011), a educação emocional possibilita o desenvolvimento de habilidades como autocontrole, empatia e resiliência, essenciais para o bem-estar e para a convivência social. A integração dessas competências no currículo escolar não apenas melhora o ambiente de aprendizado, mas contribui também para a saúde mental dos alunos, auxiliando-os a lidar com desafios emocionais e acadêmicos, o que é especialmente relevante em contextos escolares de grande diversidade emocional e social (Possebon, 2020).

A partir dos estudos de Mayer e Salovey (2012), a EE é vista como um processo contínuo de aprendizado sobre as próprias emoções e sobre como lidar com as emoções dos outros. Os autores apontam que, ao desenvolver a competência emocional, os alunos aprendem a administrar emoções como raiva e frustração, o que impacta positivamente suas relações interpessoais e a capacidade de resolver conflitos (Goleman, 2019). No Brasil, essa abordagem ainda é incipiente em comparação a países como os Estados Unidos e o Reino Unido,

onde a educação emocional já é praticada de forma mais estruturada (Tessaro, Lampert, 2019).

Além do conceito de inteligência emocional, Bisquerra (2000) defende a EE como uma prática que contribui para a prevenção de problemas emocionais e sociais, evitando comportamentos autodestrutivos e facilitando a interação positiva entre os alunos. Ele descreve a educação emocional como uma ferramenta para melhorar os vínculos sociais, ampliando a qualidade de vida e promovendo uma escola mais colaborativa e acolhedora. Dessa forma, ao serem educados emocionalmente, os alunos podem desenvolver maior autoconsciência e empatia, fundamentais para uma educação inclusiva e eficaz (Silva, 2024).

Os desafios para a implementação da EE no contexto escolar são variados. Carvalho (2022) discute a falta de recursos e de formação adequada para os educadores como barreiras significativas, destacando a necessidade de apoio institucional e de políticas públicas que incentivem a capacitação dos professores. A formação docente, nesse sentido, deve incluir habilidades socioemocionais que capacitem os educadores a mediar conflitos e a ensinar as emoções de maneira eficaz. Assim, a preparação dos professores emerge como um ponto essencial para que a EE seja aplicada de forma significativa (Tessaro e Lampert, 2019; Silva, 2024).

Outro ponto fundamental é o caráter preventivo da EE, que, segundo Damásio (2017), ajuda a prevenir o surgimento de transtornos psicológicos ao proporcionar aos alunos ferramentas para lidar com o estresse e com as pressões do cotidiano escolar. Em seus estudos, Damásio aponta que a EE contribui não só para o bem-estar emocional, mas também para o desempenho acadêmico, visto que alunos emocionalmente equilibrados tendem a se concentrar melhor e a aprender de forma mais eficaz. Isso reforça a necessidade de integrar a educação emocional desde a infância, construindo uma base sólida para o desenvolvimento emocional ao longo da vida.

A integração da psicologia na escola também é defendida por Tessaro e Lampert (2019), que descrevem atividades lúdicas e reflexivas como metodologias eficazes para o desenvolvimento da inteligência emocional. Eles relatam que, em um programa de atividades operativas, crianças de nove a dez anos puderam explorar suas emoções em grupo, desenvolvendo competências de autocontrole e empatia. Essa abordagem, segundo os autores, é uma forma de garantir que as crianças tenham um espaço seguro para discutir e aprender sobre suas emoções, fortalecendo as bases para uma vida emocional saudável.

Outro aspecto importante é a abordagem proposta por Possebon (2018), que defende a educação emocional como um processo de construção contínua, essencial para a formação de vínculos afetivos e para a promoção de uma educação que valorize tanto o aspecto cognitivo quanto o afetivo dos estudantes. Possebon argumenta que a educação emocional atua como um suporte para que os alunos possam desenvolver autoconhecimento e capacidade de regulação emocional, habilidades estas que favorecem um ambiente escolar harmonioso e propício ao aprendizado.

A literatura aponta, portanto, para a necessidade de uma mudança de paradigma na educação, conforme Wedderhoff (2007) discute ao tratar a educação emocional como um componente psicopedagógico fundamental. Ele destaca que a escola, ao atuar na formação emocional, contribui para o desenvolvimento integral do indivíduo, promovendo competências que transcendem o ambiente escolar e impactam a vida adulta. Wedderhoff argumenta que, ao desenvolver competências emocionais, os alunos se tornam mais preparados para enfrentar os desafios da vida contemporânea, em que as habilidades emocionais são essenciais para o sucesso pessoal e profissional.

A inclusão da educação emocional na escola, segundo Bisquerra (2000), requer um enfoque transdisciplinar, que integre diferentes áreas do conhecimento e valorize a diversidade emocional dos alunos. A abordagem transdisciplinar permite uma educação mais inclusiva e adaptada às necessidades emocionais dos alunos, promovendo um espaço escolar mais empático e acolhedor. Dessa forma, a EE não é apenas uma prática educativa, mas um movimento para a humanização da escola, onde o desenvolvimento emocional é valorizado tanto quanto o cognitivo, construindo uma educação mais completa e significativa.

A partir desse panorama, o presente estudo busca compreender como pedagogas em formação percebem a inclusão da educação emocional no currículo escolar. Focando em futuras professoras, a pesquisa explora suas perspectivas sobre a relevância da EE para o desenvolvimento das crianças e as possíveis contribuições para o ambiente escolar. Esse olhar é fundamental, pois os educadores são mediadores de processos que transcendem o conteúdo acadêmico, atuando diretamente na formação socioemocional dos alunos e, assim, moldando a cultura e o clima escolar.

Com o objetivo de investigar essas percepções, este trabalho adotou uma abordagem qualitativa, realizando entrevistas semiestruturadas com trinta professoras em formação de uma instituição de Ensino Superior brasileira. As

entrevistas abordaram aspectos fundamentais, como o entendimento das futuras professoras sobre o conceito de educação emocional, suas experiências pessoais e profissionais, a importância da EE no currículo e os desafios para sua implementação. Esse delineamento metodológico, com foco nas percepções individuais e coletivas, proporciona uma compreensão aprofundada dos significados que essas pedagogas atribuem à EE e aos seus impactos na educação básica.

A análise dos dados foi realizada por meio da técnica de Análise de Conteúdo, conforme proposta por Bardin (2011), permitindo uma organização e interpretação detalhada dos conteúdos discursivos das entrevistas. A partir dessa análise, emergiram percepções positivas sobre a inclusão da educação emocional no currículo escolar. As participantes destacaram benefícios potenciais, como a redução do absenteísmo e do bullying, além da promoção de um ambiente escolar mais acolhedor e saudável, onde as crianças se sentem seguras para expressar suas emoções e desenvolver habilidades socioemocionais.

Outro aspecto relevante identificado nas entrevistas foi a percepção de que a inclusão da EE exige um preparo específico dos professores. As participantes mencionaram a necessidade de formação contínua e de desenvolvimento de competências emocionais próprias, reconhecendo que o domínio das próprias emoções é um pré-requisito para a atuação eficaz na educação emocional dos alunos. Esse preparo, segundo as entrevistadas, inclui também o uso de estratégias e materiais adequados para cada faixa etária, apontando para a importância de um suporte institucional que valorize e promova o desenvolvimento emocional dos docentes.

No entanto, a implementação da educação emocional no currículo escolar não está isenta de desafios. As entrevistadas ressaltaram a falta de recursos, a resistência de alguns membros da comunidade escolar e a necessidade de maior apoio institucional. Esses fatores indicam que a inclusão da EE requer políticas de formação que valorizem o aspecto afetivo tanto quanto o cognitivo no ambiente escolar, além de iniciativas que incentivem a aceitação e o engajamento de toda a comunidade educacional.

Os resultados deste estudo reforçam a importância de investir na formação emocional dos professores e de promover a inclusão da educação emocional nos currículos escolares. Ao possibilitar um ambiente educacional mais positivo e acolhedor, a educação emocional contribui para o desenvolvimento integral

dos alunos, preparando-os não apenas para os desafios acadêmicos, mas também para a vida em sociedade.

A introdução deverá conter resumo teórico sobre o tema, apresentação da pesquisa, justificativa implícita, objetivos, síntese metodológica e resumo das discussões e resultados da pesquisa, além de apresentar uma síntese conclusiva acerca do trabalho desenvolvido.

METODOLOGIA

Para responder aos objetivos propostos, a metodologia do presente estudo adotou uma abordagem qualitativa, cuja finalidade é aprofundar a compreensão sobre as percepções de pedagogas em formação quanto à inclusão da educação emocional (EE) no currículo escolar. Essa abordagem foi escolhida por permitir a exploração detalhada das subjetividades e significados atribuídos pelas participantes ao tema da pesquisa, promovendo uma análise interpretativa dos dados coletados.

CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

Optou-se pelo uso de entrevistas semiestruturadas como principal técnica de coleta de dados, considerando sua adequação para captar as percepções e experiências das futuras professoras sobre a educação emocional no contexto escolar. O delineamento metodológico do estudo envolveu a realização das entrevistas em uma instituição de Ensino Superior no Brasil, do município de Campina Grande – PB, onde trinta pedagogas em formação foram selecionadas para participar da pesquisa.

A escolha das participantes baseou-se em critérios como estar matriculada em disciplinas pedagógicas com enfoque em inclusão e desenvolvimento infantil e participar, no momento da coleta, de atividades formativas voltadas para a prática educacional.

As 30 participantes deste estudo são alunas de um curso de Pedagogia de uma instituição de Ensino Superior localizada no Brasil. Todas estão em formação para atuar na educação básica, com interesse em temas de desenvolvimento infantil, inclusão e competências socioemocionais. As professoras em formação, com idades variando entre 20 e 40 anos, representam uma diversidade de perfis

e contextos socioeconômicos e culturais, refletindo a heterogeneidade da realidade educacional brasileira.

A maioria das participantes já possui experiência prática em escolas, seja por meio de estágios obrigatórios ou atividades de monitoria e voluntariado, o que contribui para uma compreensão mais ampla sobre os desafios e demandas do ambiente escolar. Parte delas também trabalha ou já trabalhou como auxiliar em escolas públicas ou privadas, especialmente na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental. Essa experiência prática foi considerada um diferencial para enriquecer as discussões e reflexões sobre a aplicação da educação emocional em contextos escolares reais.

Além disso, aproximadamente metade das participantes está inserida em disciplinas específicas voltadas para o desenvolvimento psicossocial e emocional dos alunos, o que as torna familiarizadas com os princípios básicos da educação emocional. Algumas delas expressaram forte interesse em áreas como psicologia educacional e pedagogia inclusiva, o que reforça sua inclinação em promover práticas de ensino que abordem não só o aspecto cognitivo, mas também o socioemocional.

Socialmente, as participantes pertencem a famílias de diferentes configurações e contextos culturais, incluindo tanto áreas urbanas quanto rurais, o que contribui para uma visão multifacetada sobre a inclusão da educação emocional no currículo. Esse aspecto reflete a diversidade de realidades encontradas em instituições de ensino do Brasil, onde muitas vezes o acesso a programas de educação emocional ainda é desigual, dependendo da região e dos recursos das escolas.

Por fim, o grupo apresentou, em grande parte, uma visão positiva e engajada com a proposta de inclusão da educação emocional na prática docente, ainda que consciente dos desafios associados, como a necessidade de formação específica e a resistência institucional. Essas características tornam as participantes um grupo relevante para a investigação, pois suas percepções sobre a EE revelam tanto o potencial transformador quanto as barreiras que precisam ser superadas para sua implementação efetiva nas escolas brasileiras.

PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS

As entrevistas foram realizadas individualmente, em horários previamente agendados, visando proporcionar um ambiente confortável e reservado para

as respostas. As questões abordaram temas como o entendimento das participantes sobre educação emocional, experiências pessoais e profissionais em relação à EE, importância da inclusão da EE no currículo escolar e desafios percebidos para sua implementação. Todas as entrevistas foram gravadas em áudio, mediante o consentimento das participantes, e transcritas na íntegra para a análise dos dados.

Para a análise dos dados coletados, foi utilizada a técnica de Análise de Conteúdo, seguindo os passos propostos por Bardin (2011). Essa técnica foi escolhida pela sua adequação ao tratamento de dados qualitativos, permitindo a categorização e interpretação de unidades de sentido presentes nas falas das entrevistadas. O processo de análise consistiu nas etapas de leitura e organização inicial das transcrições, codificação e categorização dos conteúdos e interpretação dos dados com base em categorias temáticas definidas previamente, como “importância da EE no currículo”, “desafios de implementação”, “percepção do papel docente na EE” e “necessidade de formação emocional continuada”.

Todas as etapas da pesquisa respeitaram as diretrizes éticas em conformidade com a Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil), que regulamenta as pesquisas envolvendo seres humanos. O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da instituição, garantindo o respeito à autonomia e aos direitos das participantes. Foi utilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), no qual as participantes foram informadas sobre os objetivos do estudo, o caráter voluntário de sua participação, a garantia de anonimato e a confidencialidade das informações fornecidas.

No desenvolvimento deste estudo, não foi realizado o uso de imagens das participantes ou de qualquer elemento visual que pudesse comprometer a identidade das envolvidas. A pesquisa focou exclusivamente em dados textuais obtidos a partir das entrevistas. Contudo, quaisquer materiais gráficos produzidos a partir da análise e discussão dos dados seguirão normas que preservam o anonimato das participantes e serão utilizados exclusivamente para fins acadêmicos. Esse conjunto de procedimentos e ferramentas metodológicas permitiu a coleta de dados rica em nuances, fornecendo uma base sólida para a interpretação das percepções das pedagogas em formação acerca da inclusão da educação emocional no currículo escolar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados desta pesquisa revelaram percepções amplamente positivas das professoras em formação sobre a inclusão da educação emocional (EE) no currículo escolar. As entrevistadas mostraram um entendimento aprofundado e alinhado ao que a literatura acadêmica aponta como benefícios da educação emocional, reconhecendo-a como uma ferramenta essencial para o desenvolvimento integral dos estudantes. Para a maioria, a EE surge como um elemento indispensável na formação socioemocional dos alunos, especialmente em um contexto marcado por conflitos emocionais e sociais cada vez mais comuns.

Os resultados da pesquisa revelaram três principais categorias sobre as percepções de professoras em formação quanto à inclusão da educação emocional no currículo escolar: a importância e os benefícios da educação emocional para o desenvolvimento integral dos alunos, os desafios estruturais e institucionais para sua implementação e a necessidade de formação contínua e específica para os docentes.

As professoras em formação destacaram a EE como um elemento fundamental para promover habilidades como empatia, autocontrole e resiliência nos alunos, contribuindo para um ambiente escolar mais harmonioso e acolhedor. No entanto, apontaram obstáculos como a falta de recursos e apoio institucional, além da resistência de alguns membros da comunidade escolar, que priorizam conteúdos tradicionais. Por fim, ressaltaram a importância de capacitação constante para os professores, reconhecendo que o desenvolvimento emocional dos educadores é essencial para que possam atuar como mediadores eficazes no processo de aprendizagem emocional dos alunos.

Um dos aspectos mais destacados nas entrevistas foi a relevância da educação emocional para a criação de um ambiente escolar acolhedor e saudável. As participantes associaram a EE à redução de comportamentos indesejados, como bullying e violência escolar, apontando que um ambiente onde os alunos são incentivados a expressar e gerir suas emoções tende a promover uma convivência mais harmônica. Esse aspecto foi ressaltado por quase todas as entrevistadas, que afirmaram ver na EE uma forma de amenizar conflitos interpessoais, criando um espaço de maior segurança e respeito mútuo.

Além disso, as professoras em formação enfatizaram que a educação emocional pode contribuir significativamente para o desenvolvimento de competências como empatia, resiliência e autocontrole nos alunos. Essas habilidades

foram identificadas como fundamentais para o sucesso não apenas acadêmico, mas também pessoal dos estudantes, capacitando-os a enfrentar desafios e lidar com frustrações de maneira mais equilibrada. Essa percepção está alinhada com a noção de que o desenvolvimento socioemocional é um pilar para o aprendizado de qualidade, apontado em estudos de educação emocional em países como Estados Unidos e Reino Unido.

Outro ponto relevante identificado foi a percepção das participantes sobre o papel do professor na mediação e promoção da educação emocional. A maioria das entrevistadas expressou que a EE não depende apenas de um currículo estruturado, mas também de uma postura acolhedora e empática do educador, que age como modelo de comportamento e de gestão emocional. Segundo as participantes, o professor deve estar emocionalmente preparado para lidar com suas próprias emoções, pois apenas assim será capaz de guiar os alunos em seu desenvolvimento emocional.

Em relação à formação para implementar a educação emocional, muitas entrevistadas apontaram a necessidade de preparação e desenvolvimento específico para que possam aplicar a EE de forma eficaz. Algumas destacaram que, durante a graduação, tiveram pouco ou nenhum contato com disciplinas específicas de desenvolvimento emocional, o que indicaria uma lacuna importante na formação docente. Elas ressaltaram o desejo de que os cursos de Pedagogia ofereçam uma abordagem mais abrangente e prática sobre educação emocional, preparando os futuros educadores para lidar com essa dimensão do ensino.

Outro resultado significativo foi a identificação de desafios estruturais que dificultam a implementação da educação emocional no cotidiano escolar. As professoras em formação mencionaram a falta de recursos e de apoio institucional como barreiras importantes. Em muitos casos, as entrevistadas relataram que as escolas, especialmente as públicas, enfrentam dificuldades financeiras e estruturais que limitam o desenvolvimento de atividades voltadas para a educação emocional. A carência de materiais didáticos e de espaços apropriados para atividades socioemocionais também foi apontada.

Além dos recursos materiais, as participantes destacaram a necessidade de políticas públicas que fortaleçam a educação emocional nas escolas. Elas sugeriram que, para que a EE seja realmente incorporada aos currículos escolares, é fundamental que haja um apoio governamental e regulamentação que reconheça a importância da educação emocional no desenvolvimento dos alunos. Esse apoio seria crucial para garantir que todas as escolas, independentemente

de sua localização e recursos, possam oferecer atividades de educação emocional de forma regular e estruturada.

Outro aspecto mencionado foi a resistência da comunidade escolar, especialmente por parte de alguns gestores e famílias, em relação à inclusão da educação emocional no currículo. Algumas participantes relataram que há uma visão predominante de que a escola deve focar apenas no ensino de disciplinas tradicionais, como Matemática e Língua Portuguesa, o que leva a uma subvalorização das iniciativas voltadas ao desenvolvimento socioemocional. Esse preconceito com a EE, segundo as entrevistadas, precisa ser combatido com conscientização e formação contínua de toda a comunidade escolar.

Quanto aos benefícios observados pelas participantes, elas mencionaram que a educação emocional pode impactar diretamente o desempenho acadêmico dos alunos. Ao desenvolver habilidades como a autoconfiança e a capacidade de concentração, a EE proporciona um ambiente de aprendizado onde os alunos se sentem mais motivados e preparados para enfrentar desafios acadêmicos. Para muitas entrevistadas, a inclusão da EE poderia contribuir para a diminuição de problemas como absenteísmo e falta de engajamento escolar.

A inclusão da educação emocional foi também vista como uma oportunidade para desenvolver práticas pedagógicas inovadoras e interativas. As participantes destacaram que a EE permite uma abordagem de ensino mais participativa, onde os alunos são convidados a compartilhar suas experiências e vivências emocionais, promovendo um aprendizado coletivo e colaborativo. Essa perspectiva contribui para o desenvolvimento de um ambiente onde os estudantes são vistos como indivíduos integrais, cujas experiências emocionais influenciam diretamente o processo de aprendizagem.

As professoras em formação reconheceram ainda que a EE possui um caráter preventivo, ajudando os alunos a desenvolverem estratégias para lidar com situações de estresse e ansiedade. Esse aspecto foi valorizado especialmente pelas participantes que já possuem experiência prática em escolas e que observaram os impactos negativos da falta de preparo emocional nos estudantes. Para elas, a EE poderia reduzir problemas de saúde mental entre crianças e adolescentes, proporcionando ferramentas para uma gestão mais saudável das emoções.

Outro fator mencionado nas entrevistas foi a importância de adaptar as atividades de educação emocional para as diferentes faixas etárias. As participantes ressaltaram que as estratégias de EE devem ser específicas para cada

grupo etário, respeitando o desenvolvimento emocional e cognitivo dos alunos. Esse ponto foi considerado crucial para a eficácia da educação emocional, pois atividades inadequadas podem gerar resistência ou falta de interesse entre os estudantes.

As participantes também destacaram o papel das famílias no desenvolvimento emocional dos alunos. Segundo as entrevistadas, a educação emocional deve ser uma parceria entre a escola e a família, pois os valores e práticas promovidos na escola precisam ser reforçados no ambiente familiar. Algumas relataram que seria importante envolver os pais em atividades de EE, promovendo uma visão integrada e coerente entre os ambientes educacional e doméstico.

A formação continuada foi outro aspecto enfatizado. As entrevistadas acreditam que a educação emocional dos professores deve ser um processo constante, visto que o desenvolvimento emocional é dinâmico e desafiador. Para elas, o ideal seria que as instituições de ensino oferecessem programas de capacitação regular para o corpo docente, fortalecendo a capacidade dos professores de lidar com as demandas emocionais de seus alunos e suas próprias.

Por fim, as percepções das professoras em formação sobre a educação emocional revelaram uma compreensão madura e consciente da importância da EE para o desenvolvimento integral dos alunos e para a criação de um ambiente escolar positivo. Embora tenham identificado desafios e necessidades de apoio, as participantes demonstraram entusiasmo e compromisso em promover a educação emocional nas escolas. Esses resultados reforçam a relevância da EE no currículo escolar, apontando caminhos para a formação de professores mais preparados para atuar nas dimensões socioemocionais e cognitivas do ensino.

A análise dos resultados desta pesquisa evidencia o impacto positivo da educação emocional (EE) na formação integral dos alunos, conforme teorias de Goleman (2011) e Mayer e Salovey (2012), que destacam a EE como essencial para o desenvolvimento de habilidades como autocontrole e empatia. Observou-se que as pedagogas em formação reconhecem a educação emocional não apenas como um conteúdo adicional, mas como uma competência que deve ser integrada ao currículo escolar. Isso está em conformidade com Bisquerra (2000), que considera a EE uma ferramenta preventiva, ao ajudar alunos a lidar com suas emoções e melhorar as relações interpessoais, reduzindo comportamentos agressivos. Tais percepções das participantes corroboram a importância da educação emocional na construção de um ambiente escolar

positivo e mais acolhedor, sendo uma estratégia de enfrentamento ao bullying e ao absenteísmo, como mencionado nos resultados.

Outro ponto central dos resultados relaciona-se com a falta de recursos e a necessidade de uma formação contínua para os educadores, reforçando o papel das políticas públicas na promoção da EE. Segundo Carvalho (2022), a implementação efetiva da EE nas escolas requer apoio institucional e capacitação específica dos professores, o que também foi destacado pelas participantes da pesquisa. Essa demanda reflete a importância de políticas educacionais que incentivem a formação de professores em aspectos emocionais e não apenas cognitivos, permitindo que o educador atue como mediador das emoções dos alunos. Assim, como apontado por Possebon (2018), a formação de professores para a EE deve incluir metodologias que valorizem o desenvolvimento emocional, garantindo que os docentes estejam preparados para ensinar e atuar com empatia, tanto na gestão de conflitos quanto na promoção do bem-estar dos alunos.

A discussão também destaca a educação emocional como um pilar fundamental para o enfrentamento de transtornos emocionais e para o fortalecimento do aprendizado, em linha com os resultados de Damásio (2017) e Tessaro e Lampert (2019). As pedagogas em formação apontaram que a EE promove habilidades como resiliência e tolerância à frustração, que impactam positivamente o desempenho acadêmico e reduzem o estresse. Esses achados sugerem que o desenvolvimento de competências emocionais auxilia os alunos a manterem a atenção e o interesse nos estudos, comprovando o papel transformador da EE no contexto escolar. Esse aspecto é particularmente relevante no cenário contemporâneo, onde as escolas buscam formas de reduzir os índices de evasão escolar e de promover um ambiente de aprendizado mais motivador.

Por fim, o caráter preventivo e humanizador da educação emocional reforça seu potencial ético e transformador na educação. Como discutido por Wedderhoff (2007), a EE promove uma visão ampliada do ser humano e busca uma formação que vai além do conteúdo acadêmico, abarcando o desenvolvimento emocional dos alunos. Essa perspectiva, refletida nos resultados da pesquisa, indica que a EE contribui para uma educação que valoriza o ser humano em sua totalidade, promovendo um ambiente escolar que prioriza tanto a saúde emocional quanto a formação acadêmica. Em síntese, a inclusão da EE no currículo escolar não apenas responde aos desafios emocionais dos estu-

dantes, mas também representa uma ação ética e transformadora, promovendo uma educação mais inclusiva e sensível às demandas emocionais de cada aluno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações finais deste estudo reafirmam a importância da educação emocional (EE) no contexto escolar como um componente essencial para o desenvolvimento integral de crianças e adolescentes. Os resultados revelaram que as pedagogas em formação reconhecem a relevância da EE não apenas para melhorar o ambiente de aprendizado, mas também para promover o bem-estar emocional dos alunos, uma conclusão que dialoga diretamente com teorias de autores como Goleman (2011) e Bisquerra (2000).

A partir das percepções das participantes, constatou-se que a inclusão de competências emocionais no currículo escolar pode contribuir para a criação de um ambiente mais acolhedor e menos suscetível a problemas como bullying e absenteísmo. Além disso, o desenvolvimento de habilidades como resiliência e autocontrole foi apontado como um elemento que potencializa o desempenho acadêmico, ampliando a qualidade da educação de forma holística.

A aplicação empírica dos achados sugere que políticas públicas e práticas educacionais devem priorizar a formação contínua dos professores em competências emocionais, conforme defendido pelas pedagogas participantes e autores como Possebon (2018). O apoio institucional e a adequação de recursos para a EE são condições indispensáveis para que a prática efetiva seja implementada de maneira equitativa e sustentável nas escolas. Essas iniciativas podem transformar o ambiente escolar, capacitando os educadores a atuar não apenas no ensino de conteúdos acadêmicos, mas também como facilitadores do desenvolvimento emocional dos alunos, promovendo uma formação integral.

Dada a relevância dos temas explorados, este estudo também aponta para a necessidade de novas pesquisas na área de educação emocional. Investigações futuras poderiam aprofundar a análise dos impactos da EE em diferentes contextos escolares, explorando também as práticas e metodologias específicas que melhor se adaptam a realidades culturais e socioeconômicas diversas. Além disso, estudos longitudinais poderiam acompanhar o desenvolvimento emocional de estudantes ao longo dos anos escolares, contribuindo para uma compreensão mais abrangente dos efeitos da EE no longo prazo.

Por fim, a discussão apresentada neste trabalho contribui para o avanço da educação emocional como um campo de estudo essencial no cenário educacional e científico, promovendo um diálogo que incentiva o desenvolvimento de práticas pedagógicas mais sensíveis às necessidades emocionais dos alunos. Ao trazer luz à relevância da EE no currículo escolar, esta pesquisa abre caminho para o desenvolvimento de programas e políticas que valorizem a formação emocional dos estudantes e educadores, sugerindo uma educação mais inclusiva e humanizada para as futuras gerações.

REFERÊNCIAS

BISQUERRA, Rafael. **Educação emocional e bem-estar**. São Paulo: Vozes, 2000.

CARVALHO, Márcia Aparecida Messias de. Educação emocional na escola. **Revista Multidisciplinar da FAUESP**, São Paulo, v. 4, n. 8, p. 37-43, ago. 2022.

DAMÁSIO, Antônio. **A estranha ordem das coisas**: as origens biológicas dos sentimentos e das culturas. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional**. 10. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

MAYER, John D.; SALOVEY, Peter. **Inteligência emocional**: teoria, pesquisa e aplicações. Porto Alegre: Artmed, 2012.

POSSEBON, Elisa Pereira Gonsalves; POSSEBON, Fabricio. Descobrir o afeto: uma proposta de educação emocional na escola. **Contexto & Educação**, Ijuí, v. 35, n. 110, p. 163-186, jan./abr. 2020.

SILVA, Genair Alves da. **Educação emocional e inteligência emocional na escola**: relevância e desafios frente à realidade educacional. 2024. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal de Rondônia, Rolim de Moura.

TESSARO, Fernanda; LAMPERT, Claudia Daiane Trentin. Desenvolvimento da inteligência emocional na escola: relato de experiência. **Psicologia Escolar e Educacional**, Passo Fundo, v. 23, e178696, 2019.

WEDDERHOFF, Carolina. Educação emocional: um enfoque psicopedagógico. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, v. 12, n. 34, p. 67-82, 2007.